

PADRE GABRIELE AMORTH

Coleção **BIOGRAFIAS**

- *Oscar Romero e a comunhão dos santos*, Scott Wright
- *Padre Ibiapina*, José Comblin
- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *São João Paulo II: a biografia*, Andréa Riccardi
- *Padre Pio: os milagres desconhecidos do santo dos estigmas*, José Maria Zavala
- *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*, Pedro Lima Vasconcellos;
Pedro Paulo Abreu Funari
- *Papa São João XXIII*, Domenico Agasso Sr.; Domenico Agasso Jr.
- *João Paulo II: santo já*, Andrea Riccardi
- *Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito – Diário de uma escrava que se tornou santa*, Roberto Italo Zanini (org.)
- *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasmo*, Domenico Agasso Jr.
- *Padre Pio: o mistério do Deus próximo*, Saverio Gaeta
- *Madre Teresa: tudo começou na minha terra*, Cristina Siccardi
- *Paulo VI: o santo da modernidade*, Domenico Agasso Jr.; Andrea Torielli
- *Santa Gemma Galgani: entre Deus e o diabo*, Pe. José Carlos Pereira
- *Carlos e Zita de Habsburgo: o itinerário espiritual de um casal cristão*, Elizabeth Montfort
- *Padre Amorth: a biografia oficial*, Domenico Agasso

Domenico Agasso

PADRE GABRIELE AMORTH
A biografia oficial

Tradução:

D. Hugo C. da S. Cavalcante, OSB

Maurício Pagotto Marsola



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

© 2021 Edizioni San Paolo s.r.l
Piazza Soncino 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milano) – Italia
www.edizionisanpaolo.it

Título original: *Don Amorth continua*
ISBN 978-88-922-2585-5

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Tatianne Aparecida Francisquetti*
Capa e diagramação: *Gustavo Gomes*
Imagem capa: iStock
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agasso, Domenico
Padre Amorth : a biografia oficial / Domenico Agasso ; tradução de Hugo C. da S. Cavalcante, Maurício Pagotto Marsola. - São Paulo : Paulus, 2023.
Coleção Biografias.

ISBN 978-65-5562-844-9
Título original: Don Amorth continua

1. Amorth, Gabriele, 1925-2016 - Biografia 2. Igreja Católica – Clero – Biografia 3. Exorcistas – Biografia I. Título
II. Cavalcante, Hugo C. da S. III. Marsola, Maurício Pagotto

23-0876

CDD 922
CDU 929:276

Índice para catálogo sistemático:
1. Igreja Católica – Clero – Biografia



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-844-9

O NOME DO MAL

Expulsai os demônios. Jesus determina isso aos discípulos no Evangelho. Ele mesmo enfrenta o Demônio no deserto por quarenta dias. Resiste. Combate. Vence. Nem quando a fome irrompe (“Transforma estas pedras em pão”, Satanás tenta e tenta novamente, incansavelmente: que vitória seria, a obtida sobre Deus mesmo, encarnado em seu Filho Jesus). Jesus não cede ao Tentador persuasivo.

Mas, se ele tentou Jesus sem sucesso no deserto, certamente não desistiu, continuando – pelos séculos dos séculos – a tentar cada pessoa que nasce sobre a terra. Para isso existe. Sua tarefa, sua “missão”, é retirar tantas almas quanto possível a Deus. Arrancar as criaturas do seu Criador.

Quantos hoje acreditam na existência, na ação, nas vitórias do Demônio? Este é o seu maior sucesso: convencer o mundo de que não existe, de que desapareceu para sempre e, em vez disso, agir sem ser perturbado, atingindo as criaturas indefesas. Indefesas porque incrédulas: contra o que se defender, se o mal não existe mais?

O Tentador conseguiu convencer-nos a todos – ou quase – de sua inexistência. Afundar-se, esconder-se, negar-se a si mesmo, para atingir melhor, para conquistar espaços, para expandir cada vez mais os seus domínios. Ele conseguiu convencer as multidões de ser pouco mais que um conto de fadas, adequado para manter as crianças boas, como o lobo mau e o bicho-papão.

O que é pior é que a própria Igreja parece esquecer-se do Demônio. Depois de insistir durante séculos, agora, na Modernidade mais indisciplinada, abandonou o desafio. Como se o Evangelho não estivesse ali, sempre, ainda e novamente, para alertar, para insistir, para repetir que o coração de cada homem – mesmo o de Pedro e aquele de Judas, dois dos Doze muito próximos de Jesus – pode ser conquistado pelo senhor do mal, pode ser subjugado, com resultados desastrosos para o ser humano, individualmente, e para a humanidade inteira. Não, não basta mais, sequer o Evangelho é suficiente. Não bastam os santos, os papas, os bispos e os padres que, há dois mil anos, foram experimentados na luta contra o Maligno.

Nós removemos o Demônio, como o pecado, como – no fundo – a morte. São todas questões antipáticas, anacrônicas, fora de moda. Coisas da Idade Média. O homem moderno não tem tempo para esse absurdo antigo. Outros desafios, muito mais excitantes e emocionantes, provocam a Modernidade.

Os próprios conceitos de bem e mal foram modificados na mentalidade comum. O que é bom e o que é mau? Quem pode dizer? Tudo é relativo. Todo mundo tem o direito de construir um bem e um mal sob medida para si mesmo; e se isso prejudica os outros, o que importa? O homem é livre ou não? Poderá fazer o que quiser com sua existência sobre a terra ou não? Assim, a humanidade corre para um destino tenebroso e assustador, já visto, já vivido: o homem devora o homem, *homo homini lupus*.

No entanto, bastaria ter olhos para ver: não é talvez demoníaco que metade do mundo esteja em guerra, que existam prisioneiros, refugiados, famintos e sedentos, perseguidos e torturados, violências indescritíveis contra crianças, contra

mulheres, contra idosos? Não é talvez demoníaco que se matem os pequeninos no útero materno e os doentes sem esperança? Que o ódio divida as famílias, que o racismo envenene as almas, que as ideologias armem indivíduos e nações?

A fumaça de Satanás entrou na Igreja, disse Paulo VI nos anos 70 do século passado. A mesma fumaça parece envolver o mundo inteiro, intoxicar as consciências, perturbar as mentes, destruir a convivência humana. O bem resiste, claro, resiste e novamente resiste. Muitas vezes ganha, repelindo os formidáveis assaltos do mal com mil formas. Mas o que está na raiz do mal? A ação do Demônio, agora e para sempre. Fingir que nada acontece não nos salvará de sua ação violenta, persistente e penetrante. Portanto, levar o Evangelho a sério, crer em Jesus Cristo, que morreu e desceu aos infernos e, no fim, ressuscitou, significa tomar consciência de que o mal tem um nome, tem um rosto, os do Demônio. Presença indesejada, claro, mas verdadeira e tangível, nos séculos dos séculos.

Felizmente, há pessoas na Igreja dispostas a olhar Satanás na face, a enfrentá-lo, a combatê-lo e a vencê-lo. São os exorcistas. Sacerdotes que se preparam com consciência e escrúpulo para uma tarefa que faz tremer. Combater o príncipe deste mundo, expulsá-lo como está escrito nos Evangelhos, como Jesus determina. Muitas vezes desconhecidos ou pouco conhecidos, às vezes incompreendidos ou ridicularizados, os exorcistas representam uma arma poderosa contra a propagação do Maligno, para a conquista dos corações, para a vitória do mal sobre o bem.

Nestas páginas, descreve-se a aventura humana e espiritual do exorcista mais famoso, o padre Gabriele Amorth, que, por trinta longos anos, desempenhou esse papel crucial com total dedicação, enquanto suas forças o sustentaram.

Não somente enfrentou a guerra contra o Demônio, mas ensinou outros a fazê-lo, falou e escreveu sobre isso, envolvendo muitos no projeto. Gastou a vida exortando os cristãos – mas também os sacerdotes, também os bispos – a acreditar na existência e na difusão do Demônio, apontando o dedo para as manifestações modernas do mal em todas as suas formas, muitas vezes cativantes e fascinantes.

Encorajado pelos últimos três papas – João Paulo II, Bento XVI e Francisco –, ele combateu o bom combate, guardou a fé, terminou a corrida. Inimigo implacável do príncipe deste mundo, defendeu a causa de Jesus e da sua Igreja, una, santa, católica e apostólica, mas também imperfeita e pecaminosa. Se hoje outros combatem nessa frente difícil, certamente é um grande e histórico mérito para ele. Deu novamente visibilidade e nobreza à antiga prática do exorcismo, levando para a batalha outros jovens padres, sensibilizando os bispos, ficando ao lado dos fiéis, colocando-nos todos atentos à tentação de remover o Demônio, de conceder-lhe a vitória mais prestigiosa: acreditar que não existe, baixar a guarda, deixar-se afastar de Deus e da Igreja, da fé, da esperança, da caridade.

PAI E MÃE SANTOS

Quando Gabriele Amorth nasceu, em Modena, em 1º de maio de 1925, a Itália era fascista havia quase três anos. Benito Mussolini, um jovem de Forlì, na Emília-Romanha, já socialista, tomou o poder sem derramamento de sangue em 28 de outubro de 1922: a famosa marcha sobre Roma, que não é exatamente uma marcha triunfal, mas isso basta para convencer o rei Vittorio Emanuele III, o Governo do piemontês Luigi Facta, o Parlamento e o povo da inevitabilidade de uma mudança, diante dos protestos, dos confrontos, da violência que marcaram o primeiro pós-guerra, entre vermelhos e pretos. É preciso ordem, e o romanholo sanguinário aparece como o salvador da pátria, todos prontos para se ajoelharem, se prostrarem, se colocarem sob seu comando. Erro histórico de extraordinária importância, como será descoberto ao preço de lágrimas, sangue e ruína. Mas, pelo contrário, naquele ano de 1925, o fascismo toma todo o poder em suas mãos, tornando-se efetivamente uma ditadura e pondo fim ao Estado constitucional, liberal e parlamentar. Isso acontece em 3 de janeiro, com um discurso dramático de Mussolini ao Parlamento. Na prática, os partidos e os sindicatos são supressos, os jornais são censurados e o chefe do Governo torna-se efetivamente o dono do país, sob o olhar impotente – e em parte cúmplice – do rei da Itália, que a esse homem confiou, com negligência culpável, os destinos da pátria.

O fascismo não encontra espaço na família modenense dos Amorth. Seu pai Mário, advogado, estava, em 1919, entre os fundadores do Partido Popular de Pe. Luigi Sturzo, compartilhando o apelo aos “livres e fortes” e chamando os católicos ao compromisso e ao testemunho político, após um longo distanciamento depois da tomada de Roma, em 1870, e o fim do poder temporal dos papas. O cardeal Achille Ratti, um lombardo, já arcebispo de Milão e bom alpinista, senta-se no trono de Pedro, dando-se o nome de Pio XI. Os tempos mudaram, a Itália unida é um fato histórico adquirido e aceito; houve a carnificina da Primeira Guerra Mundial (mas ninguém sabe ainda que se trata da primeira), entre 1915 e 1918, contra a qual falaram, pregaram e suplicaram dois papas: Pio X, que adivinhou os sinais premonitórios da futura “grande guerra”, e Bento XV com as palavras prementes contra “o massacre inútil”. O trágico e violento pós-guerra impulsionou o padre siciliano de Caltagirone a mobilizar os católicos, evocando-os ativamente na política, para evitar que o país acabasse na espiral de uma luta sem fim, entre a nova classe trabalhadora e os “patrões” de antes e de depois.

O Partido Popular de Sturzo não terá sucesso e será varrido, com os outros, pelo vento do fascismo. Mas os populares não desapareceram, e o advogado Mario Amorth de Modena está entre eles. Filho de advogado, nascido em 1884, casou-se com Albertina Tosi, dois anos mais nova, mulher muito ativa na sua paróquia, que lhe dará cinco filhos homens: Leopoldo, futuro advogado, nas pegadas do pai e do avô; Giovanni, médico; Luigi, professor; Giorgio, magistrado; finalmente, Gabriele, que vê a luz precisamente naquele ano crucial de 1925.

Ele contará: “Nasci em Modena em 1º de maio de 1925, de uma família muito religiosa; meus pais eram dois santos;

os meus quatro irmãos (nós éramos cinco homens) eram todos verdadeiramente de ouro, éramos muito próximos”.

Não se sabe muito sobre a infância e a adolescência de Gabriele, exceto que ele pensa já muito cedo em tornar-se padre. Talvez essa fé respirada em casa todos os dias, a frequência à paróquia com a mãe, a santidade dos pais e a bondade dos irmãos. Quem sabe? O fato é que, diz ele, “frequentei as escolas clássicas e comecei, já por volta de 13 anos, a pensar no futuro, no sacerdócio, na vida religiosa”.

Um vislumbre da infância ele conta a Paolo Rodari, no livro *L'ultimo esorcista (O último exorcista)*:

Quando criança, eu ia à missa com minha mãe e meu pai em Modena, a cidade onde nasci. Muitas vezes adormeci no chão, debaixo do banco, aos pés de meus pais. Quando dormia e permanecia em silêncio sem correr para frente e para trás pelos corredores da igreja, minha mãe costumava me dar um prêmio, geralmente um doce. Se, por outro lado, eu me mexesse e fizesse barulho, nenhuma recompensa. Para mim, o bem e o mal eram essas coisas. Eram os meus caprichos e os sorrisos de minha mãe. As brincadeiras e as carícias do meu pai. As lágrimas e as consolações.

Uma criança normal, animada e alegre, sem sinais misteriosos sobre seu futuro. “Uma percepção mais clara do mal” – acrescenta – “eu a tive quando fui me confessar pela primeira vez. Lá eu entendi que o mal é um assunto sério, do qual é preciso emendar-se. Eles me ensinaram a confessar toda semana”.

E acrescenta:

Sempre fui acostumado a obedecer. A ideia de tornar-me sacerdote veio a mim quando eu tinha 12 anos. Era 1937. Eu a animei, obedecendo ao chamado de Deus. Nunca senti

fascínio por outros caminhos. Embora sempre tivesse relações muito cordiais com as meninas, sentia-me inclinado ao sacerdócio. Tive minhas paixões, sempre as deixando cruas. Mas foram úteis para mim porque, entre matrimônio e sacerdócio, fiz uma verdadeira escolha, e não uma escolha teórica.

Uma vocação precoce, sem dúvida: Gabriele quer ser padre. Afinal, o que esperar de diferente de um menino que se engaja ativamente na Ação Católica paroquial e na Associação São Vicente, que frequenta o catecismo com proveito, chegando até mesmo a ganhar uma viagem-prêmio para Roma, em 1936? Torna-se, também, presidente diocesano das crianças da Ação Católica e, depois, líder do grupo e vice-delegado dos aspirantes. Um líder, desde muito jovem.

Bom estudante no liceu clássico Muratori de Modena, onde se formará em 1943; desportista que pratica, sobretudo, esgrima e ciclismo, mostra dotes de disciplina, empenho e seriedade, e uma espiritualidade mais madura em relação à idade.

Enquanto isso, porém, a aventura do fascismo e de Benito Mussolini está se consumando da pior maneira possível. Aliando-se a Hitler, o *Duce*,¹ leva a Itália à guerra no dia 10 junho de 1940, quando Gabriele Amorth tinha apenas 15 anos. A nova carnificina assustadora, ainda pior que a primeira, fará o mundo sangrar por cinco terríveis anos, de 1940 a 1945, semeando morte, luto, fome e desespero na Itália. A Segunda Guerra Mundial perturba vidas e projetos, cidades e famílias, sonhos e esperanças. Oprime a vida de milhões de indivíduos, em uma espiral de violência

¹ *Duce* é uma palavra italiana que significa “líder”. Também pode ser derivada da palavra latina *dux*, que possui o mesmo significado e de onde se deriva o título de nobreza duque. [N.T.]

desumana que culmina na *Shoah*, o extermínio nos campos de concentração nazistas de milhões de judeus, um genocídio sem precedentes e nunca sequer imaginado. O inferno na terra. Uma experiência demoníaca, cientificamente perseguida por homens contra outros homens, em um abismo de crueldade e abjeção que tem poucos precedentes na história da humanidade.

Com o mundo em chamas, o jovem Gabriele Amorth continua os seus estudos, sem deixar de lado seus planos de vida religiosa. Com efeito, no verão de 1942, em plena guerra, antes de começar o último ano do ensino médio, vai para Roma com o pároco para conhecer a ordem dos Passionistas (“Gostei dos Passionistas”, explicará), tendo há algum tempo a ideia de ingressar em uma congregação, sem qualquer preferência, não tendo ainda nenhum conhecimento direto: “Sentia-me atraído para a vida de comunidade, para a vida em alguma ordem religiosa”, conta a Rodari.

Essa viagem a Roma muda o curso de sua vida. Tem um encontro decisivo, o primeiro. Acontece que os Passionistas não têm lugar para receber Gabriele e seu pároco, em busca de uma cama para a noite. Eles aconselham bater às portas de outra congregação, os Paulinos de Pe. Alberione. Não há espaço lá também, mas eles os deixam dormir em dois leitos na enfermaria. E Gabriele Amorth conhece Pe. Tiago Alberione, um pequeno padre piemontês que fundou a Sociedade de São Paulo, confiando-lhe a tarefa de anunciar o Evangelho com os meios de comunicação modernos. É o encontro que decide o futuro do jovem candidato ao sacerdócio.

Ele confia a Pe. Alberione o desejo de tornar-se sacerdote.

Aos 17 anos, no segundo colegial, conheci Pe. Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, que me deu o impulso final.

Eu perguntei a ele: “Mas, em suma, o que o Senhor quer de mim?”. Eu queria que Deus me dissesse o que fazer, mas, graças a ele, entendi que tinha que decidir. Mas Deus interveio e um dia Pe. Alberione me disse: “Celebrarei a missa para você amanhã de manhã”. E, depois da missa, ele me comunicou: “Entre na Sociedade de São Paulo!”. “Está bem”, respondi. No entanto, estava no segundo ano e então propus: “Termino o terceiro ano e depois entro”.

Assim ele narra o encontro com o apóstolo da boa imprensa para Elisabetta Fezzi, em *La mia battaglia con Dio contro Satana (A minha batalha com Deus contra Satanás)*.

Acrescenta outros detalhes sobre Pe. Alberione no livro de Saverio Gaeta *L'eredità segreta di don Amorth (A herança secreta de Pe. Amorth)*:

Ouvi falar dele, então pela primeira vez, com expressões que me deram confiança por me encontrar diante de um homem de Deus. Pensando que pudesse me ajudar a resolver o meu caso, pedi-lhe para rezar por mim e perguntar ao Senhor o que deveria fazer. Ele apenas me prometeu que, na manhã seguinte, celebraria a santa missa por mim. Estive presente para servi-lo (às 4h30 da manhã!), porque pensava que, me vendo presente, ele se lembraria de mim. Depois da missa fui falar com ele e ele se limitou a uma única expressão: “Ele me disse: entre em São Paulo”. Ali, então, fiquei satisfeito e aceitei verdadeiramente essa resposta como proveniente do Senhor.

Aconteceu, depois, que no ano seguinte – 1943 – Pe. Alberione, passando por Modena, fosse hospedado pelo pároco de São Pedro. Gabriele está ciente do projeto do fundador: construir um grande santuário em Roma, dedicado a Nossa Senhora, em ação de graças por sua oração intercessória pela salvação dos Paulinos espalhados no mundo, no ardor da guerra. E, por isso, diz:

Na minha família, éramos cinco irmãos, todos em idade para serem militares. Pedi ao Primeiro Mestre para estender também à minha família esse voto e ele aceitou, garantindo disso também minha mãe, que não sabia nada sobre as minhas intenções para o futuro. Todos os cinco tivemos as nossas aventuras, mas saímos do conflito sãos e salvos. Minha mãe continuou repetindo até morrer que nós tínhamos sido salvos graças a essa intercessão e sempre enviou ofertas de ação de graças ao santuário *Regina Apostolorum* (construído na rua Alessandro Severo, em Roma, como cumprimento desse voto).

O acontecimento terá um peso decisivo na escolha do caminho religioso de Gabriele Amorth:

Estava ciente do fato de Pe. Alberione ter consagrado com um voto seus filhos espirituais à Rainha dos Apóstolos, para que Nossa Senhora protegesse todos eles. Eu também fiz isso. Pedi a Pe. Alberione para consagrar-me e a todos os meus à Rainha dos Apóstolos. A guerra eclodiu. A guerra acabou. E eu, assim como todos os meus irmãos, não sofri nenhum dano. Nem mesmo uma bala me tocou. Até meus irmãos, apesar de passarem por terríveis perigos, saíram incólumes. Esse fato significou muito para mim. Até pouco antes de ser ordenado, em minha mente ainda havia uma dúvida inerente não tanto à própria ordenação sacerdotal em si, mas ao lugar onde Deus queria que me tornasse padre. Pensei: “Estou realmente certo ao entrar nos Paulinos? É verdadeiramente ali onde Deus me quer? Ou ele me quer em outra parte?”. Afugentei minhas dúvidas no próprio dia da minha ordenação. Minha mãe saudou Pe. Alberione e disse-lhe: “É graças à consagração que fizestes a Nossa Senhora que meu Gabriele e seus irmãos foram salvos”. Eu chorei de alegria. Com uma simples declaração, minha mãe me confirmou que Nossa Senhora me havia protegido graças à consagração de Pe. Alberione, e que era nos Paulinos que Ela me queria. Nossa Senhora me tinha salvado da morte durante a guerra para que eu me tornasse sacerdote e me tornasse padre nos Paulinos.

A estreita relação com Nossa Senhora será uma das pedras angulares de toda a vida de Gabriele Amorth. Aquela sua distante consagração pessoal à Mãe de Jesus o acompanhará para sempre. Até perguntar, e perguntar-se: “Por que as mães de hoje não consagram também os próprios filhos a Nossa Senhora? Não é preciso muito: uma simples oração feita por um sacerdote com essa intenção. Todos os bebês devem ser consagrados ao Imaculado Coração de Maria. Eles desfrutariam de uma proteção única”. Porque esse gesto “significa erguer em torno da pessoa um escudo protetor invisível, mas impenetrável”.